Pessoa recebido por *presença*

António M. Feijó
Universidade de Lisboa

Resumo

O número de *presença* de Julho de 1936, comemorativo da morte de Fernando Pessoa em Novembro de 1935, inclui ensaios de muitos dos mais próximos colaboradores e amigos do poeta. A recepção crítica de Pessoa exibe aqui uma inteligência e intuição raramente igualadas. Os autores destes textos críticos iniciais tinham, cada um deles, um destino literário e pessoal a afrontar, o que explica o modo intelectualmente generoso, pouco complacente e incisivo como leram Pessoa.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, *presença*, Heteronímia

Abstract

The July 1936 issue of *presença*, commemorating Fernando Pessoa's death in November 1935, includes essays by many of the poet's closest collaborators and friends. The critical reception in this special issue of Pessoa reveals a seldom equaled intuition and intelligence. Each one of the authors of these critical essays were facing a literary and personal destiny, which explains the intellectually generous, hardly complacent and incisive mode of their several readings.

Keywords

Fernando Pessoa, *presença*, Heteronymy

Intervim, no encontro sobre "a crítica de Pessoa" – organizado por Caio Gagliardi na Universidade de São Paulo –,[1] fazendo uma breve análise de algumas das posições de João Gaspar Simões, tal como elas são enunciadas na sua biografia do poeta (Simões, 1986). Mesmo quando obstinadamente inexactas, estas posições requerem, e merecem, análise.

Na história da crítica pessoana, Gaspar Simões teve um papel importante, como biógrafo, intérprete arguto, e interlocutor de um diálogo epistolar com Pessoa em que as cartas enviadas pelo poeta se destacam como uma parte maior da sua obra, e em que cartas suas e ensaios seus instigaram textos reactivos de Pessoa, de Bernardo Soares, por exemplo. Para o crítico, a obra de Pessoa deverá supor – é, pelo menos, o que alguns de nós têm vindo a sugerir – uma indistinção de género, em que todos os textos se conciliam num mesmo plano. Ninguém decerto questionará a pertença ao corpus da correspondência com Armando Côrtes-Rodrigues, por exemplo. Em todos estes casos, em particular no da correspondência, os textos de Pessoa têm como horizonte uma situação e um interlocutor dado, mesmo se, com frequência, tacitamente visam uma clarificação que o autor julga necessário tornar pública. São assim parte de um movimento de determinar as condições de recepção da própria obra.

Um tal movimento é, como já foi notado, afim do de Wordsworth, tal como, num texto de 1915, Pessoa o descreve. Pessoa qualifica o excerto do poeta inglês, que adopta como programático, com uma hipérbole inesperada: "Estas palavras pertencem já à Eternidade". Eis como Pessoa o introduz e cita: "Nas sóbrias laudas do seu «Essay Supplementary» à edição de 1815 das *Lyrical Ballads*, Wordsworth escreveu estes períodos: «Se há conclusão que, mais do que qualquer outra, nos seja imposta pela revista, que fizemos, da sorte e do destino das obras poéticas, é a seguinte: que todo o autor, na proporção em que é grande e ao mesmo tempo *original*, tem tido sempre que criar o sentimento estético pelo qual há de ser apreciado; assim foi sempre e assim continuará a ser… Para o que é propriamente seu, ele terá, não só que limpar, senão que muitas vezes que abrir, o seu próprio caminho; estará no caso de Aníbal entre os Alpes.»" (Pessoa, 2000: 107-108).

Esta posição de Wordsworth que Pessoa coopta revelar-se-á o modo maior de determinar a posteridade da sua obra, de delimitar o juízo crítico. A carta a Adolfo Casais Monteiro de Janeiro

[1] Tratou-se do Encontro dos grupos Estudos Pessoanos e Estranhar Pessoa, intitulado "Marcos da Fortuna Crítica de Fernando Pessoa" e ocorrido na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, nos dias 25 e 26 de maio de 2017. Seis das oito comunicações realizadas foram publicadas em *Revista Estranhar Pessoa*, n.º 4, eds. Caio Gagliardi e Flávio Rodrigo Penteado, Lisboa, Outono de 2017, disponível em http://estranharpessoa.com/nmero-4 [consultado em Abril de 2019]. [Nota dos Editores]

de 1935 é exemplo deste movimento determinativo do teor das interpretações que se lhe seguiram. Para muitos dos intérpretes que pretendem desabusar-nos da sinceridade de um tal movimento, a carta, e evidências análogas, exibem um interesse que excede a obra, são peças de uma campanha *pro domo sua* de acomodação histórico-literária, visam um dividendo extra-literário, de reputação futura, por exemplo. Tal interesse poderá, por isso, parecer perversamente análogo ao de alguém que escreve um poema no intuito de seduzir a pessoa a quem o envia (tipo de finalidade literária mais frequente do que poderá pensar-se).

A carta a Adolfo Casais Monteiro de Janeiro de 1935 foi publicada em *presença* em Junho de 1937, sendo-lhe apenso pelo destinatário um comentário "Sôbre a carta que antecede" (*presença*, III, 49, 1993: 1-6). A publicação dessa carta inédita, cuja importância era manifesta aos editores da folha de Coimbra, é um *post-scriptum* ao número de *presença* de um ano antes, de Julho de 1936, quase integralmente comemorativo da morte do poeta (*presença*, II, 48, 1993). Este número comemorativo fora anunciado no breve obituário de Pessoa incluído no número 47 de *presença*, de Dezembro de 1935, passado um escasso mês da sua morte (*presença*, II, 47, 1993: 15). Neste breve obituário, depois de um apelo a que, além do recém-publicado *Mensagem*, outros livros venham a reunir os seus poemas dispersos ou inéditos, lemos que Pessoa partiu para juntar-se a Mário de Sá-Carneiro, a Cesário Verde "e aos Outros". "Aos outros" traduz a expressão romana para a morte, "ad plures ire", que denota que o destino de quem morre é juntar-se à legião dos mortos. Neste passo do obituário, porém, minimiza-se o número de mortos que esperam Pessoa, ao inscrevê-lo num rarefeito relevo canónico em que figuram Mário de Sá-Carneiro e Cesário, que o precederam e aí esperam.

O número de *presença* de Julho de 1936, comemorativo da morte do poeta, contém muitos dos argumentos maiores da crítica pessoana posterior, prefigura alguns tidos mais tarde por inéditos, e acolhe posições que durante muito tempo permaneceram dormentes ou negligenciadas pela crítica. Como apreciação crítica de Pessoa não me parece ter sido excedido. Eis alguns exemplos, que, no entanto, no interesse da brevidade, não incluem qualquer passo das memórias de Pessoa de Carlos Queirós e Pierre Hourcade, não obstante o seu manifesto interesse biográfico e crítico.

Surgem, por exemplo, aqui, pela primeira vez, contendo *in nuce* a história da relação que descrevem, excertos de cartas de Fernando Pessoa a Ofélia Queirós. Estes passos das cartas de Pessoa, escrupulosamente editadas, mostram a "sua inconsequente – mas longa e profunda

experiência passional", episódio amoroso com aptidão descrito, nos três adjectivos usados, pelo sobrinho de Ofélia, o poeta Carlos Queirós.

Igualmente surge aqui um primeiro movimento de apropriação mediúnica do autor, excessivo neste caso, mas replicado em diversas versões mitigadas desde então. Raul Leal, num ensaio que se anuncia como "o primeiro capítulo do livro em preparação *Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império*", consagra-se heterónimo de Pessoa, fundido nele, tal como Alberto Caeiro originalmente o fora. Será Leal quem, na realidade, fundará na Terra "o Reino astral da Vertigem que há-de constituir o Quinto Império", e Pessoa, morto e ascendido além-túmulo pela ascese da Divina Subida, quem, através da "acção prodigiosa" de Raul Leal, lançará na Vida a "Vertigem torrencialmente destrutiva e criadora de Deus". Esta alegoria da encarnação e da instauração de uma ordem apocalíptica irmana-os: "Glória ao Génio que no Nosso Ser Quer arrebatar o Mundo para a Vertigem de Deus!..." O Génio é Pessoa, e o "Nosso Ser" o plural majestático por que Raul Leal a si mesmo se refere. Ou, num acréscimo de pessoas envolvidas, o Génio é a divindade que paira acima de ambos, e virá a operar no mundo através do "Nosso Ser" dual, constituído pelo geminado par profético Fernando Pessoa-Raul Leal, modo póstumo e último do par inaugural Alberto Caeiro-Fernando Pessoa.

Um ensaio de Guilherme de Castilho sintetiza a quase totalidade das posições críticas posteriores sobre Alberto Caeiro, em cuja poética Castilho reconhece a "economia de um sistema". Reconhecer um sistema em Caeiro permite deduzir que, nos seus poemas, não obstante o "primitivismo" e a incultura de Caeiro, se articulam "as bases essenciais duma metafísica, duma estética, duma teoria do conhecimento e até duma ética, duma religião e duma sociologia". Caeiro figura o "homem desprevenido" face ao desfile a que a Natureza se reduz, do qual desfile nenhuma "essência" é dedutível, apenas a natureza coerciva de uma "presença". A tautologia típica dos versos de Caeiro, em que uma pedra é insistentemente referida como sendo uma pedra apenas, não é, deste ponto de vista, uma proposição estéril, mas o reconhecimento de uma presença que o assoma, de um absolutismo do instante. O absolutismo do instante, instante que é abertura para o acesso ao objecto, explica a existência autónoma do objecto a que acede. Se percebêssemos os objectos como encerrados em círculos autónomos, gravitacionalmente intocáveis e só dependentes do instante de percepção, adoptaríamos o egotismo humanitário de Caeiro, que o faz perceber a irredutibilidade do que vê, a futilidade de querer alterar o que for que o circunde, e recusar, por isso, qualquer apelo humanitário ou político.

Os dois ensaios deste número de *presença* comemorativo de Pessoa que julgo não terem sido objecto da elaboração necessária pela crítica pessoana são os de Luiz de Montalvor e de João Gaspar Simões.

No caso de Gaspar Simões, trata-se de uma "Explicação" aposta à carta de 11 de Dezembro de 1931, que aqui transcreve, em que Pessoa refuta a análise crítica de índole "psicanalítica" que Gaspar Simões dele fizera em *O Mistério da Poesia*. Dois anos antes, em 1929, Pessoa exultara com "a justeza fotográfica" da análise que Gaspar Simões fizera da sua obra, no seu livro *Temas*. Agora, todavia, insurge-se contra o freudismo do método usado no volume mais recente, e, não querendo reconhecer-se na crítica que dele resulta, obstina-se, segundo Gaspar Simões, "em se pintar outro". A "imagem que o poeta se obstinava em julgar ser a sua" é, por isso mesmo, para Simões, uma evasiva.

Que imagem é essa? A de um poeta essencialmente dramático, "no sentido em que o poeta dramático não precisa de estar a sentir saudades para escrever versos saudosos". A de alguém cujo tónus caracterial explica esse pendor dramático, pois se descreve, "de um ponto de vista humano", como "um histérico-neurasténico". Esta conjunção do reconhecimento de uma dramaticidade constitutiva, e por isso criticamente usável, e de uma descrição para-clínica, e por isso criticamente impertinente, implica que Pessoa queira persuadir Gaspar Simões de que, se quiser proceder à "explicação central da sua obra", deverá subsumi-lo num tipo de poeta: "tipo dramático, tipo lírico, etc.", tal como esses tipos se agrupam no elenco genérico de um neo-aristotelismo formal.

Gaspar Simões concede que o seu estudo é "limitado e unilateral", e que lhe parece ser "de uma extraordinária importância para o melhor conhecimento de Fernando Pessoa as objecções que esse estudo nele provocou". As objecções de Pessoa revelam-se, no entanto, uma série de movimentos de dissimulação que Gaspar Simões expõe. A natureza dramática de Pessoa, por exemplo, requereria uma descrição mais precisa: Pessoa errava quando "pretendia fazer crer nunca ter sentido saudades, embora autor de poemas eminentemente saudosos", pois a "poesia é mais verdadeira do que o poeta. Toda a arte é uma denúncia", uma denúncia que trai o autor, um modo de, apesar de si mesmo, publicamente se expor. Exprimir sentimentos ou acções por "interposta pessoa em nome de quem dizemos exprimir-nos", pela pessoa dos heterónimos, por exemplo, "não liberta o homem das paredes do seu ser", nem confina o crítico a uma posição agnóstica: as personagens de um dramaturgo têm entre si um "profundo parentesco: são geradas numa mesma matriz". Por seu turno, a natureza histérico-neurasténica que Pessoa diz ser sua,

num lapso no freudismo que impugna, não passa de uma definição "pobre", "abstracta e limitada". Quando Pessoa pretende eximir-se à responsabilidade do que diz, por, artisticamente, segundo confessa, não saber senão mentir, permite que Gaspar Simões de novo o critique, ao expor como a extensão de qualquer enunciado é mais ampla do que aquilo que quem exprime se propõe, ou presume ser capaz de, exprimir: "Freud deve ter errado em muitos pontos da sua doutrina, mas não, com certeza, quando insinua o calvário do homem incapaz de pronunciar uma palavra, por mais banal, em que se não traia alguma coisa do seu ser profundo. Quando um poeta diz que não sabe senão mentir perde, momentaneamente, a faculdade de medir a credulidade de quem o escuta. O belo dá sempre a mão à verdade." (Em textos inéditos de Pessoa que Gaspar Simões desconhecia, Pessoa caracteriza Shakespeare como, também ele, um "histérico-neurasténico", deste modo se revelando como, mais do que um diagnóstico, esta etiqueta inquietante visa denotar uma etiologia comum a uma família de criadores excepcionais.)

O ensaio de Luiz de Montalvor é, genericamente, um túmulo, forma de epitáfio poético que Mallarmé influentemente cultivou. Este texto breve e denso, insusceptível de ser aqui condensado, é uma das melhores análises da heteronímia de Pessoa. Montalvor parte de um conceito de "génio" como "conceito de possibilidades excedidas", que é próximo do étimo de "autor" como o que "aumenta" de modo inédito a virtualidade de uma série literária historicamente considerada, como o que consegue aceder a ser cúspide contemporânea da série (esta definição de "autor" é elaborada num ensaio de Hannah Arendt [1993: 91-141]; à sua luz, a quase totalidade do que hoje se publica não tem autor). A personalidade de Pessoa, "deliciosamente furtiva", "busca em outras que ela recria, e se redescobrem no seu ethos, as válvulas de saída, os acessos possíveis, as soluções essenciais, todo um sistema de traduções da personalidade criadora". Em Pessoa coexistem, em "dramático confronto", "o orgulhoso sintético" e "as personalidades evadidas da sua pessoa real e verdadeira, os transeuntes insatisfeitos da sua alma egocêntrica e verdadeira". A dialéctica dessas personalidades evadidas e do orgulhoso sintético que as acolhe é depois descrita como o conflito que opõe "o poder inibitório da dúvida" à "insatisfação do absoluto". (De modo análogo, Montalvor sintetiza aqui, desconhecendo-a, a massa de textos inéditos em que Pessoa descreve um síndrome psico-literário, a "psicopatologia da dúvida", que afectaria um conjunto particular de poetas maiores, e teria sido resolvida por Alberto Caeiro.) Como "todo o dubitativo é um tímido da sua própria personalidade", a hesitação que o assalta causa-lhe uma interrupção, cria-lhe uma "espécie de paragem da alma ou do espírito". É "nessa semelhança de *hiato* da inteligência ou da emoção" que

"o homem superior prefigura uma saída, conjectura uma transformação das suas possibilidades". Este caminho, o de Pessoa na génese da heteronímia, de saída ou transformação de possibilidades, tem por margens, "em longas teorias, os vultos augustos da inquietação humana". Montalvor parte de uma citação – "O homem é, em si mesmo, o pretexto de sonhar o possível que lhe falta" – para teorizar que os possíveis ganharam corpo nas figuras dos heterónimos, que respondem a uma decepção do absoluto, e a um movimento reparador dessa decepção. E, prosseguindo com a definição do próprio Pessoa como um "drama em gente", lê-o como um desdobramento em que o tempo é da essência, "um drama em *estados, em tempos*, de um ser único e presente na identidade humana de todos eles." Esta decomposição da "identidade essencial" de Pessoa permite entrever, numa observação profunda, como "Sofre quem é nele os outros em que se torna". O movimento mais audaz de Montalvor é passar desta temporalidade essencial dos heterónimos no arranjo sistémico do "drama em gente", em que, como diz, "Um Caeiro, um Ricardo Reis, um Alvaro de Campos são premeditações, nº 1, nº 2, nº 3, do poeta premeditador Fernando Pessoa", para o "súbito refluir em si mesmo, fecho de evasão, repouso na ordem interior, regresso ao ser consubstancial da sua poesia". Um tal refluxo da multiplicidade expansiva à unidade fora induzido por um imperativo empírico, a incapacidade de manter a comédia de enganos que Pessoa criara com a suposta existência de cada um dos seus heterónimos, por a dado passo ter verificado, como afirmou a João Gaspar Simões num passo de uma carta que Montalvor cita, ser já "tarde, e portanto absurdo para o disfarce absoluto". Os poetas fragmentados de Fernando Pessoa somam-se, por isso, em Fernando Pessoa, "o único poeta dos seus poetas, o único cúmplice da sua poesia".

Referi antes que a carta a Casais Monteiro de Janeiro de 1935 foi publicada em *presença* em Junho de 1937, como *post-scriptum* ao número comemorativo da morte de Pessoa, tendo-lhe sido apenso pelo destinatário um comentário intitulado "Sôbre a carta que antecede". A inquirição de Casais Monteiro incide sobre a natureza do "caso" de Pessoa. Mais precisamente, procura inquirir se as "despersonalizações" de Pessoa em figuras com nomes próprios são autênticas ou, em vez disso, relevam ou da comédia, ou do equívoco de o poeta as considerar distintivas quando nada, ou pouco, as distingue. Casais exclui a comédia, por a heteronímia não ser uma criação frívola, mas considera a possibilidade de a construção dos heterónimos radicar num equívoco, pois entre o que um autor sabe de si próprio e o que afirma saber há uma distância análoga à que separa a obra, imaginada e pensada, e a realidade. Como, no entanto, Pessoa pertence a "um tipo excepcionalíssimo de pessoa que se vê como se fosse outrem", um equívoco na apreensão de si

mesmo pode ser excluído. De facto, a capacidade excepcional de se ver a si próprio como outrem é afectada por uma ofuscação de tipo diferente: "a própria agudeza do olhar desvendando os íntimos meandros é porventura como a luz demasiado viva que destrói os contornos, aniquila as nuanças, torna claro demais o que não pode deixar de ser obscuro". A carta padece, por isso, de um hiper-racionalismo que branqueia o que é escuro, de uma facilidade de explicação que só pode ser ilegítima (e ter, por isso, um laivo frívolo). Na definição de Casais Monteiro, "cada heterónimo é o próprio Pessoa, é um pouco do próprio Pessoa amputado do todo", criado num misto de "despersonalização e simulação", como o confessa Pessoa. A "despersonalização" foi repetidamente teorizada e descrita por Pessoa; a "simulação" está nos vários adereços romanescos associados a cada um dos heterónimos, na descrição que, na carta a Casais Monteiro, Pessoa deles faz. Se a simulação permite uma narrativa sedutora da origem de cada um dos heterónimos, é o que em cada um deles é resultado da despersonalização e é túrbido, que é objecto, na carta de Pessoa, de uma explicação excessiva. A incomodidade do destinatário está, pois, bem longe da jovial inconsciência de quem cai num logro, o logro em que a carta o teria feito cair, parecendo resultar antes da consideração de que a revelação que lhe foi feita dissolve, por excesso de exposição, a natureza do que é revelado.

Entre a morte de Pessoa em Novembro de 1935 e os textos críticos publicados em *presença* em 1936 e 1937, em que a ausência de José Régio nesse conjunto de intérpretes é sintomática, a recepção crítica de Pessoa exibe uma inteligência e intuição raramente igualadas. Os autores desses textos críticos tinham, todos eles, um destino literário e pessoal a afrontar, e só recursos próprios para o fazer, o que explica o modo intelectualmente generoso, pouco complacente e incisivo como leram Pessoa.

Referências

ARENDT, Hannah (1993) *Between Past and Future*, Harmondsworth, Penguin Books.

PESSOA, Fernando (2000) *Crítica: Ensaios, Artigos e Entrevistas*, edição de Fernando Cabral Martins, Lisboa, Assírio & Alvim.

presença: *edição facsimilada compacta* (1993), Tomos I-III, Lisboa, Contexto.

SIMÕES, João Gaspar (1987) *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, 5ª edição, Lisboa, Publicações Dom Quixote.